

AS CONSTRUÇÕES CLIVADAS NUMA PERSPECTIVA GERATIVA: BREVE REVISÃO CONCEITUAL

Nara Juscely Minervino de Carvalho Marcelino (UFRN)
narajuscelymcm@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar as Construções Clivadas (doravante, CCs) considerando a perspectiva Gerativa. As CCs se dividem em duas tipologias, a saber: as clivadas (propriamente ditas) e as pseudoclivadas, cuja estrutura se compõe, respectivamente, das ordens SER + XP + QUE + IP e PRONOME-WH + IP + SER + XP, em que o SER corresponde à cópula, ou verbo copulativo¹, que encabeça uma pequena oração (a partir de agora, *Small Clause*) e o XP, obrigatoriamente, ao foco² da sentença.

Toda informação apresenta uma informação pressuposta e outra não pressuposta³. Numa sentença simples como *Ana comerá um pedaço de bolo*, percebemos que toda a sentença responde pela interrogativa do tipo “*O que acontecerá?*”, sendo, por isso, representativa de Foco Largo⁴. No entanto, se transformássemos essa estrutura numa outra, complexa, dividida em duas orações que se complementam entre si, cuja interrogativa fosse do tipo “*Quem comerá um pedaço de bolo?*” ou “*O que Ana comerá?*”, teríamos o Foco Estreito⁵, que responde por parte da sentença, ou seja, pelo elemento que sugere a interrogativa, e não por ela inteira. A distinção, assim, entre uma estrutura simples e outra complexa está relacionada, pois, diretamente, ao tipo de foco que essa distribuição dos constituintes apresenta, se foco largo ou se foco estreito. As CCs são construções que apresentam um foco estreito.

Diante do que expomos, teríamos em (1) e em (2), a seguir, a representação de sentenças com foco estreito, pois o constituinte focalizado representa a informação que responderia a uma interrogativa do tipo “*quem*” ou “*o quê?*”. Nessas CCs, o foco, constituinte localizado entre a cópula e o complementizador ou pronome-wh, responde necessariamente por essa parte não pressuposta e a outra oração por aquela pressuposta. Em (1), abaixo, estamos diante de uma estrutura clivada propriamente dita. Já em (2), vemos uma pseudoclivada, que apresenta características semelhantes às aquelas encontradas em (1).

- (1) **É Ana que** comerá um pedaço de bolo.
É um pedaço de bolo que Ana comerá.
(2) **O que** Ana comerá **é um pedaço de bolo**.
Quem comerá um pedaço de bolo **é Ana**.

Além dessas características indispensáveis à identificação de sentenças com foco estreito, para que uma sentença seja considerada uma construção clivada de fato, há a necessidade de o foco, além de constituir a informação não pressuposta na sentença, deixar uma categoria vazia em seu lugar no IP encaixado, assim como manter a mesma relação de caso (K) e o mesmo Tema, ou do contrário teríamos uma sentença copular comum, e não de uma construção clivada.

Seguindo a Teoria Gerativa, e a perspectiva de movimento de constituintes que apresenta na Teoria X-barra, mostraremos que a realização das CCs se dá por uma movimentação do tipo A-barra, em que o constituinte sai de sua posição original, dentro do IP encaixado, seguindo caminhos

¹ Todo verbo copulativo corresponde ao que, na Gramática Tradicional, se chamam Verbos de Ligação.

² Para ser clivada, o foco necessariamente deve apresentar uma informação desconhecida por um dos interlocutores.

³ Alguns autores tratam a informação não pressuposta como informação nova, mas nem sempre aquela informação não pressuposta é nova no contexto comunicativo.

⁴ Foco Largo é aquele cujo núcleo da informação recai sobre a sentença inteira.

⁵ Foco Estreito é aquele cujo núcleo da informação recai sobre um constituinte da sentença.

até atingir uma posição na periferia esquerda da sentença, em que não desempenhará papel argumental, mas o de núcleo de um FocP.

Diante do exposto, nos subitens que se seguirão faremos um apanhado do que são as Construções Clivadas, bem como o que são Construções Pseudoclivadas. No subitem 02 definiremos as Clivadas e as tipologias nas quais se dividem. No subitem, 03 conceituaremos e mostraremos as tipologias das construções Pseudoclivadas.

No final deste artigo, apresentaremos as conclusões por nós tiradas diante do assunto aqui tratado.

1. O QUE SÃO CONSTRUÇÕES CLIVADAS?

Observando a sentença (3)

(3) Ana cortou o cabelo⁶

percebemos que se trata de uma sentença cuja estrutura básica segue a ordem linear dos constituintes – SVO no Português Brasileiro (PB) e que o núcleo da sentença é o verbo *cortar*, que solicita dois argumentos: um externo, que desempenhará o papel temático do cortador – *Ana* –, que se realiza como sujeito da sentença, e outro interno, cuja função temática é a de “coisa cortada” ou tema, localizada à direita do verbo, funcionando como complemento.

Em toda e qualquer sentença, podemos presumir que nela estão presentes dois tipos de informação: uma pressuposta e outra não pressuposta, que por vezes se configura como a informação nova. A informação pressuposta é aquela partilhada pelos interlocutores, cuja asserção não pressuposta será complementar a ela, ao passo em que a informação não pressuposta, chamada de foco da sentença, é aquela ainda desconhecida de um deles.

Resenes (2009, p. 18) diz que “para detectar o que é foco e pressuposição veiculados por uma sentença, devemos contextualizá-la”, ou seja, é estabelecendo relação da sentença dentro do contexto em que ela se encontra que podemos identificar o que já é partilhado pelos interlocutores e o que está sendo veiculado como parte ainda desconhecida por algum deles.

Contudo, existem no PB construções que transformam a estrutura de uma sentença neutra em assertivas como as de (3) e (4) abaixo:

(3) **Foi Ana que** cortou o cabelo

(4) **Foi o cabelo que** Ana cortou

Essas asserções “partilham a propriedade de terem condições de verdade idênticas à frase simples indicada em (1)” (BRITO e DUARTE, 2009, p. 685). São sentenças tipicamente marcadas, uma vez que um dos seus constituintes, a saber a parte não pressuposta, recebe destaque focal quando aparece nucleado entre uma cópula e um complementizador.

É comum a distinção entre sentenças básicas, neutras ou sentenças não-marcadas, e sentenças marcadas. As clivadas fazem parte do segundo grupo. [...] são geralmente vistas como um tipo relacionado com focalização em que X é o foco nas estruturas ‘é/foi X que... / X é/foi que...’” (KATO e RIBEIRO, 2006, p. 166)

CCs são, pois, essas sentenças marcadas que apresentam um dos seus constituintes ensanduichado entre uma cópula e um complementizador ou um pronome Wh. Como em toda sentença do PB identificamos uma informação necessariamente pressuposta e uma informação não pressuposta, para que a sentença seja constituída clivada de fato o foco, obrigatoriamente, deverá ter

⁶ Usaremos, de agora em diante, essa sentença básica para equivaler à frase simples que corresponderá às exemplificações das construções clivadas futuras neste trabalho.

a interpretação de parte não pressuposta, ao passo que a oração encaixada⁷ traz necessariamente a informação que é pressuposta.

É comum se considerar que todo constituinte clivado caracterize uma informação nova em contraposição a uma informação velha, que se encontra necessariamente dentro da oração encaixada. Contudo, no par pergunta-resposta, como mostrado em (a).i, (b).i e (c).i, pode-se evidenciar que o foco não é exatamente uma informação nova, uma vez que já se pressupõe que o enunciador da pergunta sabe que algo aconteceu, não podendo apenas precisar o quê. Essa condição descaracteriza o foco como, simplesmente, uma informação nova.

Quanto ao par informação nova *versus* informação velha numa sentença que apresenta um constituinte clivado, Quarezemin (2011) diz que “O foco é definido como o constituinte que veicula a informação não pressuposta na sentença. Não se trata da dicotomia informação nova *versus* informação velha; antes, analisamos as sentenças por meio da articulação foco-pressuposição⁸”.

A coerência da afirmação de Quarezemin se encontra no fato de sabermos que em toda elocução, os interlocutores partilham antecipadamente de conhecimentos prévios e comuns. É preferível, pois, chamar de não pressuposta uma informação que é, apenas, ainda não conhecida, mas não completamente ignorada. Além disso, a clivagem, que contém o par foco-pressuposição, é constituída por um par de orações que mantém um mesmo valor de verdade que corresponde a uma sentença básica com o mesmo valor informacional.

Apresentamos no quadro abaixo, algumas tipologias de clivagens conforme a perspectiva de alguns autores⁹, das quais optaremos ao longo do trabalho por chamá-las de uma ou outra:

Estrutura	Tipologias de clivagens segundo diferentes autores			
	Brito e Duarte	Ribeiro e Cortês Júnior	Quarezemin	Braga, Kato e Miotto
Foi X que...	Clivada	Clivada Básica	Clivada Plena	Clivadas Canônica
Foi X quem/o que...	Clivadas-Q	Pseudoclivada Extraposta (citando Modesto)	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Extraposta
X foi que...	Clivada Invertida	Clivada Invertida	Clivada Invertida	Clivada Invertida
Quem/o que... foi X	Pseudoclivada Básica	Pseudoclivada Básica	Pseudoclivada	Pseudoclivada Canônica
X foi quem/o que...	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida	Pseudoclivada Invertida
X é que...	Pseudoclivada Invertida de É QUE	Clivada Invertida	x-x-x-x-x-x	Pseudoclivada Invertida
X foi...	Semi-Pseudoclivada	Pseudoclivada Reduzida	Pseudoclivada Reduzida	Pseudoclivada Reduzida
X que...	x-x-x-x-x-x	Clivada sem Cópula	Clivada Truncada	Clivada sem Cópula ou Reduzida

⁷ A oração encaixada é aquela que é introduzida pelo complementizador ou pelo pronome-Q, no caso das Pseudoclivadas, como veremos mais adiante.

⁸ “De acordo com Zubizarreta (1998, p. 160-161), não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, visto que a informação velha também pode ser focalizada. A autora fornece alguns exemplos, como em (i), nos quais o elemento focalizado foi mencionado no discurso precedente:

(i) A: João comeu um hambúrguer ou um cachorro-quente?

B: João comeu um [Fhambúrger].” (apud Quarezemin, 2011, p. 96-97, em nota de rodapé)

⁹ É importante deixar claro aqui que outros autores ainda foram considerados, e se deixamos de mencioná-los no quadro não foi por considerar seus trabalhos menos contribuidores para o nosso estudo do que aqueles que apresentamos.

1.1. Clivadas Básicas¹⁰

As Clivadas Básicas (doravante CB) – também chamadas de Clivadas Canônicas ou, simplesmente, Clivadas – são sentenças com marcação de foco que permitem que apenas o *que* (e nenhum outro) ocupe a posição de complementizador, que formará, juntamente com a cópula, o ensanduichamento do constituinte focalizado.

Lambrecht (2001 *apud* Pinto e Ribeiro, 2008, p. 01) define a construção clivada como uma

Sentença complexa contendo uma oração principal nucleada por uma cópula e uma oração relativa ou tipo-relativa, da qual o elemento relativizado é co-indexado com o argumento da cópula, sendo que essas duas orações juntas expressam uma simples proposição lógica que poderia ser expressa de uma forma simples.

Segundo Ribeiro (2009, p. 218), “na clivada básica, o constituinte focalizado ocupa uma posição de foco interna à sentença”, isto é, encontra-se posicionado entre a cópula e o complementizador *que*.

A posição a ser ocupada pelo constituinte focalizado, a de foco, é reconhecida entre os autores como uma posição que deve ser realizada entre a cópula e o complementizador. No entanto, os estudos afirmam que para que seja satisfatória a realização desse movimento, é inevitável que uma *ec* assuma a posição deixada pelo componente movido, indicando a conclusão desse processo de movimento.

A estrutura das construções de clivagem é detalhada em Guessser (2009), quando diz que

Com relação à definição de linguagem, seguir-se-á a linha de Resenes (2008), que emprega o rótulo “clivada” para as sentenças que apresentam as seguintes características:

- a) Ser um recurso sintático utilizado para focalizar constituintes;
- b) Apresentar a sequência *ser+XP+que+IP*, no caso das clivadas, ou a sequência *XP+ser+que+IP*, no caso das clivadas invertidas, e conter uma *ec* dentro do IP encaixado que corresponda ao XP pré ou pós-cópula.
- c) Ter um XP pré ou pós-cópula que seja um foco;
- d) Ter uma sentença encaixada que seja uma informação pressuposta. (GUESSER¹¹, 2009, p. 01)

As CBs apresentam, pois, a estrutura abaixo:

[Ser_{Cóp} + [Foco_{CC} + [Que_{Comp} + [frase simples correspondente]]]]

Assim, uma clivada seria representada em (A) e (B) abaixo:

(A) **Foi Ana *que***¹² cortou o cabelo.

(B) **Foi o cabelo o *que*** Ana cortou.

1.2. Clivada-Q¹³

¹⁰ Ou ainda, Clivadas, Clivadas Canônicas ou Clivadas Plenas. De agora em diante, adotaremos apenas a nomenclatura Clivada Básica.

¹¹ Referência ao Artigo de Simone Guessser “Redução e concordância em sentenças clivadas no Português Brasileiro”.

¹² Os exemplos que ilustrarão as construções clivadas e pseudoclivadas, de agora em diante, terão: o foco destacado com itálico, e a cópula e o complementizador ou pronome-Q, com negrito.

¹³ Ou Pseudoclivada Extraposta. De agora em diante, adotaremos Clivada-Q.

As Clivadas-Q (doravante, C-Q) pouco se diferenciam da CB no aspecto sintático, uma vez que em sua estrutura os constituintes ocupam as mesmas posições que ocupariam se estivessem dentro de uma CB. A diferença entre elas consiste, no entanto, num primeiro olhar, no fato de a clivada-Q aceitar como complementizador um pronome-Q, ou pronome interrogativo, ou um que com determinante, enquanto a clivada básica aceita exclusivamente um complementizador.

Kato e Ribeiro (2006) dizem que

[...] ao contrário da clivada moderna, com o *que* sem determinante, as clivadas encontradas nas interrogativas por Mattos e Silva (1991) e Lopes Rossi (1993) aparecem com o determinante *o*, o que nos leva a analisá-las como pseudoclivadas e não clivadas, quer nas declarativas [...] quer nas interrogativas. (KATO e RIBEIRO, 2006, p. 171)

As clivadas-Q, na visão de Lobo (2006), “constituem um tipo específico de construção clivada, pois admite o uso do complementizador *que* acompanhado do determinante *o*, bem como admite o uso do pronome relativo *quem* (e variações)”.

Ainda, Lobo (2006) diz que

Há [...] diferenças de comportamento entre as clivadas canônicas e as clivadas-Q, em particular - relativamente aos padrões de concordância sujeito-verbo, às restrições à categoria gramatical clivada, às restrições à clivagem de pronomes complemento e aos padrões de ordem de palavras - que levam a pensar que a cada uma delas está subjacente uma diferente estrutura. (LOBO, 2006, p. 01)

Nessa perspectiva, percebemos, pois, que as diferenças não são meramente de substituição de um termo por outro. Conforme podemos ver em Lobo, essas diferenças se dão, também, na impossibilidade de estabelecermos a concordância do foco com o verbo principal que se encontra na sentença encaixada da mesma maneira.

Segundo Braga, Kato e Mito (2009, p. 241), “[...] construções-Q [...] um conjunto de estrutura assim denominadas porque contêm palavras do paradigma morfológico dos pronomes-Q”. Dessa forma, a clivada-Q, por conter um constituinte interrogativo em sua estrutura, pode conter uma oração encaixada, cujo constituinte-Q deixe um vestígio interrogativo em seu lugar.

A estrutura de uma clivada-Q se dá, pois, da seguinte forma:

[Ser_{Cóp} + [Foco_{CC} + [O_{Det} + [Que ou Quem_{Comp} + [Frase simples correspondente]]]]

Poderíamos agora, pois, ilustrar uma sentença clivada-Q como faremos em (C) e (D) abaixo:

(C) **Foi Ana quem** cortou o cabelo

(D) **Foi o cabelo o que** Ana cortou

Nas Cs-Q, o foco determinará o tipo de pronome-Q a ser utilizado. Quando se trata de um foco [+humano], o pronome-Q deverá ser, necessariamente, um “quem” (e variáveis). Quando se trata, porém, de um foco [-humano], o pronome-Q pode ser “o que” (e variações).

1.3. Clivada Invertida

As clivadas Invertidas (doravante CI) são, como o próprio nome sugere, as construções clivadas que traz o constituinte focalizado – o foco – antecedendo a cópula, que vem seguida do complementizador. Quando isso acontece, há, logo, uma inversão do foco, que numa CB aparece entre a cópula e o complementizador e não antecedendo a ambos.

Na definição de Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 219), “As clivadas invertidas apresentam uma ordem em que o foco antecede a cópula; a cópula e o complementizador que ocorrem superficialmente adjacentes”, o que faz com que cópula e complementizador se mantenham “vizinhos”, formando, na maioria das vezes, a estrutura É QUE.

Braga, Kato e Mioto (2009, p. 257), quando se referem à tipologia das CIs em seu texto, dizem que “[...] o foco movido para antes da cópula, [...] tende a ficar invariante”. Pela razão da invariabilidade da cópula, a expressão È QUE não se modifica, o que justificaria a confusão entre a CI com a pseudoclivada de È QUE – que apresentaremos mais adiante. Caberá, então, sabermos se, de fato, é correto analisarmos uma CI como uma pseudoclivada de É QUE.

A estrutura da CI pode ser, assim, organizada em:

[foco_{CC} + [Ser_{Cóp} + [Que_{Comp} + [Frase simples correspondente]]]]

Exemplificando a CI, podemos ver o que se encontra em (E) e (F), abaixo:

(E) Ana **foi que** cortou o cabelo.

(F) O cabelo **foi que** Ana cortou.

2. O QUE SÃO CONSTRUÇÕES PSEUDOCLIVADAS?

Construções Pseudoclivadas (doravante, PCs) se assemelham às CCs, uma vez que ambas apresentam o mesmo valor de verdade daquilo que poderíamos encontrar na interpretação de uma sentença básica, além de serem sentenças bipartidas em duas orações, mantendo entre essas uma relação de co-dependência, já que em uma existe a presença de uma cópula que, juntamente com um operador – complementizador *que* nas CCs e um *Pronome-Q*, nas PCs – dão ao elemento ensanduichado a função de foco da sentença completa.

Resenes (2009, p. 54) diz que “Sentenças Pseudoclivadas são sentenças complexas sintaticamente designadas para focalizar constituintes. Essa focalização é feita com o auxílio de elementos específicos e exclusivos para esse fim: a cópula e o elemento wh”.

Considerando o que disse Pinto, quando distinguiu as clivadas das PCs, podemos citar aqui que

As sentenças clivadas são constituídas por duas orações bipartidas, cada qual com seu verbo; já as sentenças pseudoclivadas são constituídas por uma sentença copulativa em que a relativa livre ocuparia a posição de predicado, que seleciona um sujeito, que satisfaz o valor da variável na relativa que constitui o predicado. (PINTO, 2008, p. 2)

Assim, uma diferença relevante entre clivada e PC é que, embora ambas apresentem cópula e foco, na PC a cópula encabeça uma *Small Clause*, que tem como seu sujeito a oração relativa. A clivada, diferentemente, não seleciona uma *small clause*, mas um complemento CP, uma vez que traz um complementizador em vez de um pronome-wh.

Segundo Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 213), “A PC é uma construção copulativa em que o verbo copulativo *ser* seleciona uma minioração¹⁴ cujo sujeito é uma relativa livre [...] e o predicado, o constituinte focalizado”. Diante dessa afirmação, a PC apresenta uma *small clause* que tem como sujeito a oração relativa, o mesmo sujeito da oração copulativa.

Os pronomes relativos que encabeçam uma PC são normalmente *quem*, *o que*, *onde* e *quando*, mas, segundo Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 217), “não há uma distribuição equilibrada dos pronomes relativos em PC”.

¹⁴ Utilizaremos a expressão *small clause*, conforme estudos em Chomsky.

Para Perini (2009, p. 215), a seleção de *que* ou *quem* depende de traços do constituinte clivado; se se tratar de sintagma marcado [+humano], pode-se usar *que* ou *quem*, indiferentemente. Mas, se o constituinte clivado for marcado [-humano], só se pode usar *que*.

Assim como acontece com as CCs, as PCs também se subdividem em diferentes tipos, sendo estes classificados, também, conforme a posição que ocupem os constituintes da sentença.

2.1. Pseudoclivada Básica¹⁵

A Pseudoclivada Básica (doravante PCB) constitui uma sentença também bipartida em duas orações, na qual a primeira é encabeçada por um pronome *wh*, que funciona como oração relativa e adquire função sintática de como sujeito da *small clause*, que imediatamente a segue.

Seguindo a definição de Brito e Duarte (2009, p. 687) para a PCB, “o constituinte oracional que ocupa a posição de sujeito da oração pequena subcategorizada pelo verbo copulativo ocupa igualmente a posição de sujeito da frase copulativa”. Dessa forma, a oração relativa que nasce na posição de sujeito da *small clause* faz um movimento A-barras para a posição também de sujeito da oração copulativa.

O foco na PCB não se encontra ensanduichado entre a cópula e o pronome-Wh, mas na posição pós-cópula, que fica na parte mais à direita da sentença, uma vez que nessa estrutura a cópula aparece anteceder a oração relativa encabeçada pelo pronome.

Assim, a estrutura da PCB pode ser definida como sendo:

[Pron-Q + [Foco_{CC} + [Ser_{Cóp} + [Frase simples correspondente]]]]

Dessa forma, da sentença básica “Ana cortou o cabelo”, a PCB poderia servir de resposta à seguinte interrogativa, da qual a resposta à interrogação recairá exatamente sobre o foco da sentença.

Como exemplo de PCB, temos o que se apresenta em (K) e (L) abaixo:

(G) **Quem** cortou o cabelo **foi** Ana.

(H) **O que** Ana cortou **foi** o cabelo.

2.2. Pseudoclivada Extraposta¹⁶

As Pseudoclivadas Extrapostas (doravante PCEX), assim como as CQs, são semelhantes em sua estrutura às CBs, pois tanto uma quanto a outra apresentam a cópula encabeçando toda a sentença, que vem a formar, conjuntamente com o pronome Wh da oração relativa, um ensanduichamento do foco.

Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 217) dizem que “essa PC se caracteriza por apresentar uma ordem em que a relativa parece ter sido extraposta para o final da sentença, à direita, a partir de uma Pseudoclivada Básica”, uma vez que a característica da PC é o fato de ela ser encabeçada pela oração que contém a informação pressuposta precedendo o constituinte focal pós-cópula, contendo a informação não pressuposta.

A estrutura sentencial da PCE pode ser identificada abaixo:

[Ser_{Cóp} + [Foco_{CC} + [Pron-Q_{OP} + [Frase Simples Correspondente]]]]]

Conforme vimos fazendo ao longo deste trabalho, exemplificaremos a PCEX em (M) e (N) abaixo:

¹⁵ Conhecida também por Pseudoclivada, apenas, ou Pseudoclivada Canônica. Nós usaremos Pseudoclivada Básica.

¹⁶ Definida por alguns, conforme pode se ler no quadro, como Clivada-Q.

- (I) **Foi Ana quem** cortou o cabelo.
(J) **Foi o cabelo o que** Ana cortou.

2.3. Pseudoclivada Invertida

As Pseudoclivadas Invertidas (de agora em diante, PCI) são aquelas que, diferentemente do que acontece com as PCB, que têm seu predicado encontrado dentro do elemento pós-cópula, movo o constituinte focalizado para o início da sentença.

Brito e Duarte (2009, p. 687) definem as PCI como uma sentença em que é “[...] o predicado da oração pequena subcategorizado pelo verbo copulativo que ocupa a posição de sujeito da frase copulativa”. Assim, neste tipo de sentença, o predicado da *small clause*¹⁷ é o constituinte realizado na posição pós-cópula, ou seja, o foco, que, por sua vez, ocupa a posição de sujeito da oração encabeçada pela cópula.

Para esclarecer o que afirmamos no parágrafo anterior, em (O), abaixo:

(K) **Ana foi quem** cortou o cabelo.

podemos identificar o foco Ana como o elemento que numa PCB ocuparia a posição de predicado da *small clause*, mas que se encontra na posição de sujeito da oração que possui a cópula, sou seja, é o sujeito da sentença Ana foi, ao passo que o seu predicado passa a ser a oração relativa.

A estrutura da PCI apresentamos em:

[Foco_{CC} + [Ser_{Cóp} + [Pron-Q_{OP} + [FSC]]]]

O que apresentamos em (O) funciona como exemplo de PCI, assim como podemos encontrar em (P) uma representação exata de uma PCI

(P) *O cabelo foi o que* Ana cortou.

Não há divergência de opiniões quanto à classificação de tipologia da Pseudoclivada Invertida. Em todos os autores estudados, sentenças com essa estrutura são todas denominadas pelo mesmo título.

2.4. Pseudoclivada Invertida de É QUE

Estruturalmente, não identificamos diferença real entre a PCI e a Pseudoclivada Invertida de É QUE, que de agora em diante trataremos por PCI-EQ, uma vez que em ambas o foco sobe para a posição que encabeça a sentença.

É importante considerarmos aqui que, nas sentenças clivadas e pseudoclivadas que apresentamos até este ponto, percebemos que a relação de concordância é estabelecida entre o foco e a cópula ou entre esta e o verbo da oração encaixada. No entanto, na PCI-EQ não segue essa concordância, deixando a cópula na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, independente de que tempo esteja o verbo da oração encaixada.

Brito e Duarte (2009) explicam as PCI-EQ afirmando que

[...] as pseudoclivadas Invertidas de É QUE devem sua particularidade ao estatuto da sequência É QUE, à direita do constituinte clivado. [...] A sequência É QUE que ocorre nessa construção é o resultado de reanálise, que a re-interpretou como uma forma fixa, que ocupa uma só posição sintática. Assim, É QUE não admite marcas de tempo nem de concordância. [...] Além disso, a sequência É QUE não pode ser interrompida. [...] O verbo copulativo e o complementizador passam a ocupar a

¹⁷ A oração pequena subcategorizada pelo verbo copulativo

posição do núcleo funcional Flex da frase copulativa. (BRITO e DUARTE, 2009, p. 691)

Conforme Brito e Duarte, podemos, pois, concluir que a forma fixa É QUE se dá, invariavelmente, devido a um estatuto de movimento. A posição do núcleo do CP é ocupada pelo complementizador *que* que vem acompanhado da cópula.

Devido à existência de um complementizador em oposição a um pronome-Q e à semelhança que se dá entre a CI, alguns autores, como Ribeiro e Cortês Júnior (2006, p. 219), que dizem que na CI “[...] a cópula e o complementizador ocorrem superficialmente adjacentes”, consideram a PCI-EQ como uma CI.

Assim, a estrutura da PCI-EQ é:

[foco_{CC} + [Ser_{Cóp} + [Que_{Comp} + [FSC]]]]

Sequenciando os exemplos que estamos demonstrando até aqui, podemos apresentar (Q) e (R) como modelos de PCI-EQ:

(L) *Ana é **que** cortou o cabelo.*

(M) *O cabelo é **que** Ana cortou.*

Percebemos que, apesar de o verbo da oração encaixada se encontrar no tempo pretérito, a cópula se mantém invariavelmente no presente do indicativo.

3. ALGUNS CASOS PARTICULARES

Embora toda construção clivada, a saber: as clivadas e as pseudoclivadas, seja assim considerada por ter em sua sentença um constituinte ensanduichado entre uma cópula e um complementizador ou um pronome-Q, cujo foco tem uma interpretação de foco estreito, há no PB construções que visivelmente estabelecem essa mesma relação de foco estreito/pressuposição, sem, no entanto, apresentarem todos os constituintes comuns nessas sentenças.

Como veremos adiante, algumas tipologias da clivagem são definidas razão de não apresentarem ora a cópula, ora o complementizador ou o elemento-Q ou, ainda, pela dupla realização de um ou de outro desses elementos.

Dentre as clivadas, podemos destacar a Clivada sem Cópula e a Clivada com Dupla Cópula. Dentre as Pseudoclivadas, encontramos a Pseudoclivada Reduzida.

3.1. Clivada sem Cópula

A clivada sem cópula (de agora em diante, CsC) acontece quando aparecem apenas na estrutura o foco e o complementizador, não sendo evidenciada a presença da cópula. Em Ribeiro (2009, p. 220), lê-se que “a estratégia de clivada sem cópula está ausente do PE culto (BRITO e DUARTE, 2003) e do PE rural (FRANCO, 2007); contudo, é uma estratégia comum no PB em geral (BRAGA, 1991; KATO et al., 1996)”.

O foco neste tipo de construção, assim como acontece com a CI, antecede o complementizador, encabeçando toda a sentença clivada. Dessa forma, a estrutura que se apresenta numa CsC é, pois:

[foco_{CC} + [Que_{Comp} + [Frase simples correspondente]]]

Diante disso, podemos exemplificar a CsC como (G) e (H) demonstram abaixo:

(N) *Ana **que** cortou o cabelo.*

(O) *O cabelo **que** Ana cortou.*

3.2. Clivada com dupla Cópula

A Clivada com Dupla Cópula (de agora em diante, CDC) é a construção clivada que focaliza um constituinte entre dois elementos copulares, mas um único complementizador. Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 221) dizem que essa construção realiza-se com um “duplo marcador de foco”, expressão essa utilizada por Braga (1991) como “duplo foco”, quando faz estudo do discurso semicolóquial oral falado do Rio de Janeiro.

A estrutura clivada com dupla cópula é identificada pela repetição da cópula na posição pré-foco, bem como na posição pós-foco.¹⁸ “Essas construções indicam claramente a gramaticalização de *é que*, como um único constituinte gramatical” (RIBEIRO e CORTÊS JÚNIOR, 2009, p. 222).

Na CDC, o foco se localiza, então, depois da cópula, que como na CB encabeça a sentença isoladamente, tanto quanto antes da cópula acompanhada do respectivo complementizador, que, como na pseudoclivada de *É QUE*, que veremos adiante, constituem a forma fixa e invariável *É QUE*, não recebendo marcas de concordância e correlação.

A clivagem com dupla cópula é, pois, assim realizada:

[Ser_{Cóp} + [Foco_{CC} + [Ser_{Cóp} Que_{Comp} + [Frase simples correspondente]]]]

Embora no PB não seja frequente a construção de uma CDC, faremos aqui uma demonstração de como se daria a transformação da sentença básica que viemos utilizando como exemplos até aqui para ilustrar esta categoria de clivadas. Assim, vejamos os exemplos em (I) e (J):

(P) **Foi Ana foi que** cortou o cabelo.

(Q) **Foi o cabelo foi que** Ana cortou.

3.3. Pseudoclivada Reduzida¹⁹

A Pseudoclivada é entendida como uma sequência de constituintes que tem como sujeito uma oração relativa seguida de uma cópula e de um elemento que constitui o foco da sentença, sendo interpretado, pois, como o predicado.

A Pseudoclivada Reduzida (doravante, PCR) é identificada por estabelecer a mesma relação de constituintes que se estabelece numa PCB, sem, no entanto, apresentar entre seus elementos o pronome-Q, seguido de seu determinante, quando o foco assim o exigir.

Nas definições que encontramos para esse tipo de construção, percebemos algumas contradições que os autores defendem, quando fundamentam a explicação de o que vem a ser uma PCR.

Em Kato e Ribeiro (2006), lemos que

A primeira observação que se pode fazer relativamente à construção semi-pseudoclivada é a de que ela envolve obrigatoriamente SVs não máximos²⁰ [...] Pelo contrário, sempre que o constituinte clivado é um SV máximo ou qualquer constituinte superior na hierarquia da frase, como o sujeito ou um advérbio da frase, a estrutura resultante é agramatical. (BRITO e DUARTE, 2006, p. 692).

¹⁸ Não é muito evidente a utilização da clivada com dupla cópula no PB, embora ela tenha sido citada por Braga (1991) com base num estudo sobre o funcionamento das sentenças clivadas no discurso semicolóquial oral falado do Rio de Janeiro.

¹⁹ Adotada por Brito e Duarte (2009) como sendo uma Semi-pseudoclivada. Nós demos preferência ao termo Pseudoclivada Reduzida, pela razão da redução de seus constituintes.

²⁰ Por SV não máximo, entendamos uma oração sem verbo ou sem todos os argumentos necessários a este. (interpretação minha).

Segundo o que podemos depreender do que dizem as autoras, as PCRs necessariamente devem ter como foco somente um SN que não seja um sujeito ou um advérbio que esteja adjungido a toda a oração, e jamais um SV pleno. Para exemplificar o que dizemos neste parágrafo, leiamos abaixo exemplos extraídos da própria autora, aqui identificados como (d)i.ii e iii, como as sentenças gramaticais, e (e)i. ii. e iii como as agramaticais:

- (d) i. O corvo comeu **foi** *o queijo*. (SN, objecto directo)
 ii. O corvo deu o queijo **foi** *à raposa*. (SP, objecto indirecto)
 iii. O João deu **foi** *o livro à Maria*. (Objecto directo+objecto indirecto)
- (e) i. *O corvo fez **foi** *comer o queijo*. (SV máximo)
 ii. *Comeu o queijo **foi** *o corvo*. (SN, sujeito)
 iii. *O corvo comeu o queijo **foi** *provavelmente*. (Advérbio de frase)

Quando se propõem a definir as PCRs, Braga, Kato e Miotto (2009) afirmam que

As pseudoclivadas reduzidas são as construções que parecem ser uma pseudoclivada com o pronome-Q omitido. [...] Nesse tipo temos a impressão de que a cópula pode “passear” pela sentença marcando o constituinte, que é o foco. O formato do pronome-Q omitido é ditado pelo constituinte que se situa pós-cópula. (BRAGA, KATO e MIOTTO, 2009, p. 259)

Enquanto definição, não podemos encontrar nenhuma relação que comprometa uma ou outra pesquisa sobre as PCRs realizadas em ambos nos estudos. No entanto, quando partimos para a interpretação dos exemplos oferecidos por BKM, percebemos uma oposição entre o constituinte clivado, que para Brito e Duarte não pode ser, jamais, um SV máximo tampouco um advérbio da frase, focos esses que encontramos nos exemplos desses últimos autores, conforme podemos apresentar abaixo, tal qual se encontra no texto fonte, à exceção da numeração que damos a ele aqui:

- (f) i. Eu leio habitualmente é [o jornal].
 ii. Acontece é [que as épocas estão evoluindo].
 iii. Ele procurava na pintura é [a relação harmoniosa]...
- (g) i. (O que) O João quer é [sambar na Portela no próximo carnaval]
 ii. (Onde) O João quer sambar é [na Portela] no próximo carnaval.
 iii. (Quando) O João quer sambar na Portela é [no próximo carnaval].

Em (f) ii estamos diante de um foco que recai sobre um CP contendo um SV máximo. Em (g) i, por sua vez, temos como foco um InfP, acompanhado de dois AdvPs que fazem referência a toda a oração relativa “O João quer”, que funciona como sujeito da sentença. Em (g) ii e (g) iii o foco recai exatamente sobre AdvPs distintos, respectivamente, um AdvP de lugar e o outro de tempo, mas ambos com escopo sobre toda a oração relativa, o que contradiz o que disseram Brito e Duarte.

O estudo das Construções Clivadas, apesar de ser uma estrutura complexa, que poderia ser resumida numa sentença não marcada ou neutra, nos revelou que estratégias de movimento e focalização constituintes são os fatores que determinam o tipo de clivagem, bem como o constituinte que acompanhará a cópula no ensanduichamento será o responsável por caracterizar uma CC em Clivadas ou Pseudoclivadas.

Para um entendimento mais preciso do foco da sentença, é necessário que nós apresentemos uma pormenorização do que vem a ser foco e sua função na classificação das clivadas, o que faremos num próximo artigo e no desenvolvimento da dissertação de mestrado junto ao programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, mostramos que as Construções Clivadas são sentenças copulares que apresentam um dos seus constituintes ensanduichado entre uma cópula, o verbo *ser*, e um complementizador, *que*, quando uma clivada propriamente dita, ou um *pronome-wh*, quem, o *que*, quando uma pseudoclivada. Esse constituinte ensanduichado, deve necessariamente corresponder à informação não pressuposta da sentença, ao passo que a informação pressuposta deve se encontrar dentro do IP encaixado.

Mostramos, ainda, que, além de a ordem dos constituintes se dá na forma SER + XP + QUE + IP, na clivada, e PRONOME-WH + IP + SER + XP, na pseudoclivada, para que uma sentença seja considerada como um verdadeiro resultado do processo de clivagem, é necessário que o constituinte focalizado deixe em seu lugar de origem, ou seja, dentro do IP de onde se moveu, uma *ec* em seu lugar, que necessariamente precisa ter o mesmo caso (K) e papel temático que desempenha o foco.

Além disso, vimos que fatores como concordância, posição e tipo de foco distinguem as tipologias de clivagem.

O estudo das Construções Clivadas que vimos abordando até aqui nos revelou, pois, que, apesar de ser uma estrutura complexa, que poderia ser resumida numa sentença simples, não marcada ou neutra, as estratégias de movimento e focalização de constituintes são fatores que determinam o tipo de clivagem, bem como o constituinte que acompanhará a cópula no ensanduichamento será o responsável por caracterizar uma CC em Clivadas ou Pseudoclivadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KATO, M., & RIBEIRO, I. (2006). A evolução das estruturas clivadas no português: período V2. In: T. LOBO, I. RIBEIRO, Z. CARNEIRO, & N. (. ALMEIDA, *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

LOBO, Maria. Assimetrias em Construções de Clivagem do Português: Movimento VS. Geração na Base. XXI Encontro Nacional da APL. Textos seleccionados. APL, Lisboa: 2006. p. 457-473.

PERINI, Mário A. Gramática Descritiva do Português. 4ª Ed. Coleção Básica Universitária. São Paulo, Ática: 2009. p. 384.

_____. Grupos de correpondência: clivagem; pseudoclivagem. In: M. A. PERINI, *Gramática descritiva do português* (p. 380). São Paulo: Ática, 2009.

BRAGA, Maria Luíza; BARBOSA, Elisiene de Melo. Construções clivadas no Português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. In: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca24/arqs/matraca24a08.pdf>.

GUESSER, Simone Lúcia. Redução e concordância em sentenças clivadas do Português Brasileiro. Artigo publicado nos Anais do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática (Universidade de Brasília – Brasile), 2009.

PINTO, Carlos Felipe da Conceição; RIBEIRO, Ilza (2008). Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas. In.: MOURA, Denilda (org.) Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL, P. 401-404.

QUAREZEMIN, Sandra. Estratégias de Focalização no Português Brasileiro – uma abordagem cartográfica. Tese de Doutorado. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009. (Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto).

_____. Clivadas como Estratégia de Focalização em Português Brasileiro. In: Focalização e Clivagem. MIOTO, Carlos. GUESSER, Simone Lúcia. QUAREZEMIN, Sandra. Simpósio Internacional Linguagens e Culturas. Mesa 06. Outubro/2011.

RESENES, Mariana Santos de. Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009. (Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto).

